

**O CAMPO DA SOCIOLOGIA DAS RELIGIÕES: SECULARIZAÇÃO *VERSUS* A “REVANCHE DE DEUS”**

**THE FIELD OF THE SOCIOLOGY OF RELIGION: SECULARIZATION *VERSUS* THE “GOD’S REVENGE”**

**EL CAMPO DE LA SOCIOLOGÍA DE LAS RELIGIONES: SECULARIZACIÓN *VERSUS* LA REVANCHA DE DIOS**

**Fabiana Luci de Oliveira\***

**Resumo:**

O artigo focaliza o campo da Sociologia das Religiões a partir do debate secularização versus dessecularização; declínio/ mercadorização/ privatização da religião versus a “revanche de deus” (fenômeno de explosão de novos movimentos religiosos). A discussão passa por autores como Weber, Durkheim, Tocqueville, Pierucci, Campbell, Woodhead e Heelas. A posição defendida é a de que a religião ressurgiu enquanto um novo tipo de moral: não enquanto moral tradicional, mas enquanto novos valores, uma nova ética que se opõe criticamente aos caminhos da razão e da ciência.

**Palavras-chave:** religião, secularização, novos movimentos religiosos

**Abstract:** The manuscript discusses the field of the Sociology of Religion, focusing on the debate “secularization versus non-secularization”; decline/ mercantilization/ privatization of religion versus the “God’s revenge” (phenomenon of explosion of new religious movements). The discussion gives attention to authors like Weber, Durkheim, Tocqueville, Pierucci, Campbell, Woodhead e Heelas. The argument presented here is that religion had reappeared as a new kind of moral, meaning not a traditional moral, but new values, a new ethics that critically opposes to reason and science.

**Keywords:** Religion, secularization, new religious movements

**Resumen:** El artículo enfoca al campo de la Sociología de las Religiones desde el debate secularización versus dessecularización ; declinación, mercantilización y privatización de la religión versus la “revancha de dios” (fenómeno de explosión de nuevos movimientos religiosos). La discusión pasa por autores como Weber, Durkheim, Tocqueville, Pierucci, Campbell, Woodhead y Heelas. La posición que defiende es la de que la religión resurgió como un nuevo tipo de moral: no como la moral tradicional, pero con nuevos valores, como una nueva ética que se opone críticamente a los caminos de la razón y de la ciencia.

**Palabras-clave:** religión, secularización, nuevos movimientos religiosos

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Visiting Scholar no Departamento de Sociologia da Northwestern University, Chicago -IL, USA - Bolsista Capes/ Fapesp.

## I. Introdução

*Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda nenhuma dessas - a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por essa convulsiva espécie de autojustificação. Nesse caso, os 'últimos homens' desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como 'especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado. Max Weber, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*

Estamos vivendo os primeiros anos do século XXI e do III Milênio. Um momento em que acadêmicos discutem se houve a passagem do paradigma da modernidade para um paradigma da pós-modernidade ou se ainda vivemos a modernidade tardia, ou as conseqüências da modernidade. Existe, no entanto, certo consenso quanto ao fato de que vivemos um momento de transformação de valores, num contexto de capitalismo avançado, de uma sociedade de consumo desenfreado, “sociedade midiaticizada”, globalizada, sociedade de velocidade, tecnologia, sociedade informatizada e mesmo virtual em muitos aspectos; momento em que a ciência, deusa de outrora, sofre também questionamentos.

Nesse cenário a religião se apresenta ainda enquanto um tema de destaque. Muito se tem discutido e escrito sobre a questão da secularização/desseccularização, sobre o declínio da religião, sua “mercadorização”, sua privatização, enfim sobre sua perda de importância *versus* a sua retomada, a “revanche de Deus”, como muitos autores têm designado o fenômeno de explosão de novos movimentos religiosos.

A maioria dos autores que “pregam” o declínio da religião partem da abordagem weberiana dos processos de racionalização, secularização e desencantamento do mundo.

Na interpretação de Weber (1996), a sociedade moderna e industrial, regida pela razão instrumental, caminhava para um processo de crescente racionalização da ação. O complexo modo de vida das sociedades ocidentais exigiria um Estado burocratizado e organizado, no qual os especialistas tomariam o controle da sociedade. O homem liberto do poder da religião (através do processo de desencantamento do mundo, que o

distanciou do sagrado) estaria submetido ao mundo da razão (que o levaria a construir sua própria gaiola de ferro). Assim, a racionalização crescente se torna um instrumento de poder: o homem acredita dominar a sociedade e aos outros homens pela progressiva intelectualização de seus conhecimentos e pela apuração das técnicas. O mundo assim concebido passa a ser um mecanismo causal, controlável racionalmente, e a expressão ideal da forma de dominação racional nessa sociedade é a burocracia. Ela despersonaliza o indivíduo, coisifica o homem, que parece estar encurralado no beco da razão, tendo a sua frente a calculabilidade própria do capitalismo, a ordem econômica determinada pela técnica e a produção em série através das máquinas, e atrás de si, a paixão irrefreável pela busca dos bens materiais. É assim que o homem racional constrói sua própria “jaula de ferro”.

Algumas interpretações, partindo da análise weberiana, afirmam ter a religião perdido seu papel central na explicação da realidade, papel este transferido à ciência desde a Revolução Industrial e o Iluminismo. Mas notemos não se tratar da clássica visão marxista que condena a religião ao desaparecimento. Aqui elas apenas estariam em declínio.

No pensamento marxista a crítica da religião é um elemento de grande importância, pois a religião é ideologia (consciência invertida da realidade), é uma espécie de “teoria geral de explicação do mundo”, e sua funcionalidade para a sociedade está em justificar a realidade de opressão. Marx (1989) afirma que o homem cria a religião e não o inverso. Vista enquanto instrumento de “fetichização” das relações sociais a religião precisa ser superada e sua superação só pode se dar a partir da destruição das relações sociais que criaram a necessidade da religião, através da *práxis*. A importância da crítica da religião está em que ela é o pressuposto de toda crítica, pois critica a realidade social que a criou. E a partir do momento em que a religião fosse superada, questões como a busca de um sentido para a vida e para a história perderiam a razão de ser.

Enquanto o pensamento clássico marxista afirma o fim da religião, as interpretações atuais afirmam a substituição de uma situação inicial de monopólio por uma situação de pluralismo, em que, segundo Pierucci (2000), a religião perde seu papel moralizador, transformando-se em atitude pragmática. A religião perderia, nessas visões

contemporâneas, o papel de aglutinadora e moralizadora da sociedade, papel este atribuído a ela nas obras de Durkheim e de Tocqueville.

No pensamento durkheimiano a religião é definida enquanto um sistema de crenças e práticas em relação ao sagrado, que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem (*Formas Elementares da Vida Religiosa*, 1983, p. 79). Assim, ela possui um forte aspecto moral. E como para Durkheim só pode haver moral se a sociedade possuir um valor superior a de seus membros, um ato só será moral se tiver por objeto algo que não o seu autor. Essa realidade superior só pode ser, na visão de Durkheim, Deus ou a sociedade, o que para o autor são a mesma coisa, pois a religião não passa de adoração da sociedade transfigurada. A religião tem, portanto, a função de agregar os indivíduos à sociedade, servindo enquanto um instrumento de controle social, de manutenção da ordem.

Também Tocqueville (1987), ao estudar a democracia nos Estados Unidos, atribui esse papel à religião. Esta contribui para a manutenção da ordem a partir do momento em que contribui para evitar todo tipo de excesso, especialmente o gosto pelos prazeres materiais. A religião é, na visão de Tocqueville, peça-chave na conservação das instituições político-democráticas.

Em contraposição às visões que apontam para a perda de valores éticos e morais das religiões na atualidade, existe uma corrente de pensamento na Sociologia da Religião que defende o retorno do sagrado, afirmando que a emergência do pluralismo religioso representa um processo de ressacralização, dessecularização ou mesmo reencantamento do mundo, negando o suposto declínio e afirmando, com base no surgimento de novos movimentos religiosos, a importância da religião no mundo atual.

Esse artigo busca discutir as mudanças que ocorreram no papel da religião na atualidade. Tentaremos estabelecer uma mediação entre essas duas correntes de pensamento.

## **II. Declínio ou Ressurgimento?**

É impossível negar a importância com que a temática religiosa adentrou esse III milênio, assim como é impossível ignorar que houve uma transformação no caráter dos novos (e mesmo dos “velhos”) movimentos religiosos. Esses movimentos mostram-se

cada vez mais preocupados com questões globais como a paz, os direitos humanos e o meio ambiente, e também com o bem-estar do indivíduo.

Para muitos autores, isso não retira absolutamente a importância política da religião (vide Oriente Médio), seu papel “tradicional” enquanto aglutinadora e formadora de identidades, pois como afirma Beckford (1992) “A religião também está provando ser um veículo notavelmente duradouro e eficaz para o cultivo e expressão de identidades étnicas e nacionais em países tão diferentes quanto a Polônia, a Nicarágua, o Irã e o Sri Lanka”. (1992, p. 661)

Para outros essa mudança de enfoque (que na maior parte dos casos é uma “virada para o eu”) significa já uma des-moralização, que transforma a religião em uma empresa de salvação, obedecendo a lógica do mercado.

Essas observações nos colocam frente a um dilema: a religião tem realmente um papel importante na vida social ou ela é apenas “segundo violino”<sup>1</sup>? Ela possui ainda um papel moralizador e ético ou ela se des-moralizou?

Com base nas discussões e argumentações propostas por alguns autores dessas duas vertentes tentaremos esboçar uma saída a esse dilema.

### **III. Pierucci: declínio e mercadorização da religião**

*Os puritanos queriam ser homens de profissão.  
Nós estamos condenados a sê-lo.  
Max Weber, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*

No debate sobre a importância da religião na atualidade, Flávio Pierucci representa bem a vertente que afirma o seu declínio, apontando a permanência do paradigma da secularização. Todo o seu discurso tem como contraponto a corrente da Sociologia da Religião que bate de frente com esse paradigma, afirmando o “retorno do sagrado”. Esse retorno se evidenciaria na medida em que o campo religioso (no Brasil e no mundo) estaria presenciando uma explosão de novos movimentos religiosos de todas as matizes. Com esse fenômeno a religião reafirma sua força, provando não ter sido “suprimida” ou “expulsa”<sup>2</sup> pela modernidade.

Pierucci contrapõe-se a esse argumento afirmando que a extensão desse fenômeno de ressurgimento religioso se reduz à esfera do privado, do íntimo, o que retira

da religião a importância que tivera enquanto matriz cultural totalizante. Em sua visão a religião perdeu seu lugar, perdeu a capacidade de exercer influência sobre qualquer âmbito de relevância na vida social, limitando-se a esfera individual.

Para ilustrar sua argumentação de que a religião perdeu a importância, Pierucci busca demonstrar a ausência de um movimento de influência religiosa de expressão no cinema, na TV e na música, recorrendo ainda ao que denomina de secularização do Domingo (que deixa de ser um dia dedicado a Deus e passa a ser um dia como outro qualquer da semana, dedicado também ao trabalho), estendendo o declínio da religião à esfera privada, ao cotidiano dos indivíduos.

Ao discutir o ressurgimento da religiosidade a partir desses novos movimentos, coloca que esse fato não questiona, e sim reafirma a tese da secularização, pois ela é entendida enquanto um processo não linear, consistindo, a curto prazo, em momentos alternados de expansão e contração da oferta religiosa, mas que ao final, visto de uma perspectiva de longa duração, esse processo se mostra linear e irreversível (Pierucci, 1997, p. 111).

Assim, o surgimento dessas novas religiosidades (não-tradicionais) se explica pelo próprio avanço do processo de secularização, pois são a expressão de um declínio geral do compromisso religioso. Esses novos movimentos representariam, na visão de Pierucci, tão somente a redução da religião a mais um item de consumo, e eles só podem conviver entre si porque a secularização continua seguindo seu ritmo. (1997, p. 113)

Transformada em item de consumo, a religião passa a restringir-se à esfera individual e, provoca Pierucci, “Desde quando a sociedade moderna repousa sobre as relações pessoais? Delírio microssociológico do mais puro”, afirma (1997, p. 113). Suas provocações continuam, afirmando serem neoconservadores, carolas, inocentes, quando não patéticos os que acreditam que a religião ainda tem um papel cultural considerável. (1997, p. 108). Segundo ele, os acadêmicos que defendem a ressacralização estariam cometendo um auto-engano ao tentar manter vivo o objeto de sua ciência.

O que Pierucci está fazendo, na realidade, é uma apologia da ciência. Nesse artigo de 1997 afirma “É essencial para o meu argumento esta qualidade inerente às descobertas científicas, a de serem os seus resultados e procedimentos imediatamente



#### **IV. Novos movimentos religiosos**

O fracasso do mercado em reger de maneira justa as relações sociais e a incapacidade da ciência em responder a todos os anseios dos homens, abriram espaço para a religião mostrar que ainda tem força.

Com base nas interpretações de Parker (1993) e Bastian (1997) é possível dizer que em meio a essa crise geral de valores, que coloca em cheque a verdade científica e denuncia o fracasso do mercado, a religião ainda aparece, especialmente na América Latina, enquanto um fator determinante na conformação de padrões culturais e valorativos do povo.

Essa crise não se restringe a América Latina. Ela é um processo que ocorre em todo o Ocidente. Campbell (1997), por exemplo, ao buscar identificar a natureza do sistema ético para o III milênio, afirma que ocorre no ocidente um processo de orientalização, ou seja, uma transformação das crenças, partindo de um deus pessoal para um tipo de espírito ou força vital e também para a crença em níveis de espiritualidade, afirmando-se a vida após a morte.

Campbell trabalha com três tipos de crença que identificam esse processo de orientalização: 1. O Neo-Paganismo, representando uma volta radical às tradições religiosas que o próprio ocidente derrotou, mostrando com isso uma tendência de transformação dentro dos próprios valores ocidentais; 2. O Movimento Nova Era, baseados no individualismo e otimismo, buscando recompensas neste mundo; caracterizado pela virada pós-moderna, em que a meta-narrativa moderna é substituída por uma meta-narrativa de psico-espiritualidade e 3. Movimentos Ambientalistas, que buscam conectar o mundo interno da experiência humana com o mundo externo da natureza.

Esses movimentos de mudança tiveram seu ápice na década de 1960. E é no próprio coração do ocidente que essa transformação tem maior impulso. Segundo

Campbell, a substituição da teodicéia ocidental se iniciou quando ela perdeu seu controle sobre a maioria da população da Europa Ocidental e da América do Norte. Portanto essa mudança se torna inevitável, anunciando uma nova consciência ética para o novo milênio.

Certamente não há hegemonia entre os autores dessa corrente quanto aos elementos que caracterizariam esses novos movimentos religiosos. Mas essas interpretações apresentam muitos aspectos em comum. Aqui vamos privilegiar a abordagem de Woodhead e Heelas (2000), apresentada no livro *Religion in Modern Times*<sup>3</sup>.

A fim de discutir o papel, a importância da religião na atualidade, esses autores fazem uma espécie de revisão de vários trabalhos de autores clássicos na sociologia da religião (Durkheim e Troeltsch) e outros autores conceituados (como Robert Bellah e Beckford).

Assim, eles falam em destradicionalização da religião. As religiões tradicionais seriam as religiões de diferença. E as destradicionalizadas estariam divididas em cinco principais tipos: 1. Religiões de Humanidade, que envolvem fatores como o desenvolvimento de uma ética de humanidade e a aplicação da razão crítica às verdades anteriormente mantidas enquanto sagradas; 2. Espiritualidades de Vida, que se caracteriza por uma virada para o “self”, uma sacralização do eu; 3. Religiões Individualizadas, que envolve o desenvolvimento da cultura da escolha, em que as pessoas inventam sua própria religião “individual”; 4. Consumismo e Instrumentalização da Religião, em que a virada para o eu é regida pela lógica capitalista, utilitarista e 5. Universalização da Religião, caracterizada pela pluralização, aglutinando o que as diversas religiões têm em comum.

Esse processo de destradicionalização envolve, no geral, a internalização da autoridade e outras mudanças, como a passagem cultural da transcendência para a imanência, da fé para a escolha, de princípios éticos para experiências éticas, de avaliações negativas da natureza humana para avaliações positivas; de viver em termos do que foi prescrito pela religião a viver sua própria espiritualidade, da salvação a partir do caminho da tradição para o clareamento através de rituais de escolha individual e, o mais importante, a passagem do olhar para o futuro a partir de experiências passadas para o viver a vida aqui e agora (2000, p. 343-344).

Um dos autores por eles trabalhados, Robert Bellah, cita em seu trabalho uma expressão do que ele considera a forma moderna de religiosidade individual: o Sheilaísmo.

Sheila Larson é uma das pessoas que ele entrevistou na realização de sua pesquisa. Ela afirma sua fé a partir de uma religião que ela própria criou, baseada no amor e no cuidado consigo mesma. Bellah (apud Woodhead e Heelas, 2000) coloca que, seguindo essa lógica, seria possível afirmar a existência de um tipo de religião para cada habitante no mundo; seriam mais de 220 milhões americanas. Ele utiliza esse caso para exemplificar o esforço em transformar autoridade externa em significado interno.

É importante notar que, apesar de enfatizar o processo de destradicionalização (transformação da religião) em oposição ao processo de secularização (declínio e desaparecimento da religião), Woodhead e Heelas não estão afirmando sua supremacia. Afirmam que não vivemos uma pós-tradicionalização, uma pós-modernidade, mas sim que dentro da própria modernidade coexistem processos de manutenção da tradição, invenção e reinvenção (retradicionalização) da tradição, assim como a destradicionalização.

Assim, sua posição frente ao dilema inicialmente proposto seria a de que o campo religioso dos tempos modernos, da atualidade, caracteriza-se pela convivência de diversas crenças, tradicionais e destradicionalizadas, que proporcionam ao homem um novo tipo de moral e enquanto moral influenciam o comportamento dos indivíduos, tendo a possibilidade de exercer influência sobre vários aspectos da vida social .

## **V. Conclusão**

A partir do debate da sociologia da religião aqui abordado é possível concluir, a nosso ver, que apesar de todas as mudanças de enfoque ocorridas no campo religioso, como uma maior individualização da religião (*turn to the self*), o emprego da lógica de mercado e da lógica consumista à religiosidade, a religião tem se mostrado ainda enquanto uma forma de moralização. Dessa maneira nos contrapomos a Pierucci quando afirma que a religião perdeu seu sentido ético e moral. Ela não é segundo violino, o que seria uma redução brutal do seu papel, mas sim mais uma dentro das muitas esferas que

influenciam na e a vida social, e que compõem o sentido da moral e da ética da atualidade.

No artigo “Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”, Pierucci (2004) apresenta e discute dados comparando a declaração de filiação religiosa da população brasileira nos censos de 1940 a 2000. Afirma que

Do ponto de vista da composição religiosa da população de nosso País, tudo leva a crer que estamos numa hora de decisiva inflexão. (...) Três das principais religiões classificadas pela sociologia como tradicionais [*Catolicismo, luteranismo e umbanda*], mesmo que cada qual seja tradicional à sua maneira, mostram hoje sérios sinais de cansaço, mais do que isso, de exaustão em sua capacidade de reprodução ampliada. (Pierucci, 2004, p. 17)

Pierucci (2004, p. 25) compara os números da fé no Brasil demonstrando que os que se declaram sem religião passaram de 1.6% em 1980 para 7.3% da população em 2000. Sendo que os católicos caíram de 89.2% para 73.7% da população, e as religiões afro-brasileiras também perderam adeptos, passando de 0.6% para 0.3%. Entretanto os que se declaram espíritas passaram de 0.7% para 1.4% nesse período e os que afirmam ser de outra religião, subiram de 1.3 para 1.8%. E os evangélicos passaram de 6.6% para 15.4%, aumento expressivo, no entanto, a maioria (10.4%) trata-se de pentecostais. O autor conclui o artigo afirmando que

... ao examinar um depois do outro os censos das últimas décadas, dispondo então os números referentes às religiões em seqüências de recorte variado, as tabelas me passaram a entregar, bem delineadas, as *trajetórias declinantes* que a teoria sociológica fazia-me supor estivessem ocorrendo. (Pierucci, 2004, p. 27)

Pode-se alegar que o aumento de outras religiões (com exceção dos pentecostais) é pequeno, se comparado à queda numérica nas religiões “tradicionais”, mas acreditamos que esses dados do censo não desacreditam a teoria de que a religião desempenha ainda um forte papel “moralizador” na sociedade brasileira e mesmo mundialmente.

Nossa postura é de que a religião não pôde ficar inerte frente às transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas nos últimos tempos. Ela experimentou, sim, um declínio com o advento da modernidade, no momento em que a razão e a ciência representavam a verdade absoluta. Mas com o questionamento que a razão, a ciência e a tecnologia vêm sofrendo, em decorrência do caminho que elas têm levado o homem a percorrer, a religião ressurgiu enquanto um novo tipo de moral. Não enquanto moral

tradicional, mas enquanto novos valores, uma nova ética que se opõe criticamente a esses caminhos da razão e da ciência.

Como colocou Weber o homem racional construiu sua própria jaula de ferro. Agora a religião, não enquanto ideologia de dominação, mas enquanto religiosidade, enquanto busca de uma nova maneira de relação entre homem e natureza, tem se colocado à humanidade enquanto uma possível saída.



## Referências Bibliográficas

BASTIAN, J. P. (1997). *La Mutación Religiosa de América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica.

BOTTOMORE, T. e OUTHWAITE, W. (1996) *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CAMPBELL, C. (1997). "A Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma teodicéia para um novo milênio". *Religião e Sociedade*, vol. 18, n.1, pp. 5-22.

DURKHEIM, E. (1983). *Formas Elementares da Vida Religiosa. Os Pensadores*, São Paulo: Ed. Abril.

HEELAS, P. e WOODHEAD, L. (2000). *Religion in Modern Times*, Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers.

MARX, K. (1989). *A ideologia Alemã*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

PARKER, C. (1993). *Outra Lógica en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica.

PIERUCCI, A. F. e PRANDI, R. (1996). *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Ed. HUCITEC.

PIERUCCI, A. F. (2000). Caderno Mais! Jornal Folha de SP, 31/12/2000

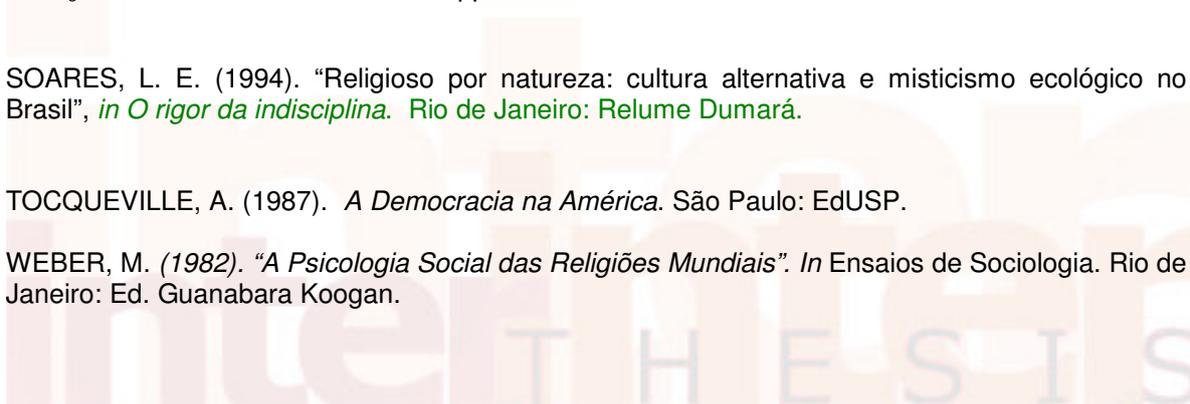
\_\_\_\_\_ (1997). "Reencantamento e Desseccularização", *Novos Estudos Cebrap*, nº 49, pp. 99-117.

\_\_\_\_\_ 2004 "Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000". *Estudos Avançados*, Dezembro, vol.18, n. 52, pp. 17-28.

SOARES, L. E. (1994). "Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil", *in O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

TOCQUEVILLE, A. (1987). *A Democracia na América*. São Paulo: EdUSP.

WEBER, M. (1982). "A Psicologia Social das Religiões Mundiais". *In Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.



\_\_\_\_\_ (1996). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Ed. Pioneira.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Cf. Pierucci , 1997, pág. 107.

<sup>2</sup> Sanchis, apud Pierucci, 1997, pág. 103.

<sup>3</sup> O texto que segue baseia-se no livro *Religion in Modern Times*, de Woodhead e Heelas, 2000. Todas as observações (e autores citados) referem-se aos capítulos sobre Secularização (páginas 321-341) e Destradicionalização (páginas 342-381)

